A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA *O MULATO (1881)*, DE ALUÍSIO DE AZEVEDO

Dantas, Lucilene da Silva [1](Graduanda, UFAM- IEAA)

Resumo. Analisa-se neste artigo a representação do negro na Obra "O Mulato" (1881), de Aluísio Azevedo, com enfoque voltado ao protagonista mulato Raimundo, sob a ótica da teoria pós-colonial, em específico, verificando os estereótipos criados sobre o personagem. Conclui-se que o personagem Raimundo é relegado a uma condição de ser inferiorizado, marcado por uma conotação preconceituosa e muitas vezes, aceitando e interiorizando o rótulo de inferior.
Palavras chave: *O Mulato*, negro, estereótipos.

Abstract. In this article it is done an analysis of the representation of the Black man in the work "The Mulatto" (1881), of Aluísio Azevedo, focusing on the mulatto protagonist, Raimundo, on the light of the post-colonial theory, specifically, verifying the stereotypes created to this character. Results show that the character Raimundo is relegated to a condition of inferior, marked by a prejudiced connotation and, for many times, he accept and internalizes the label of inferior.
Key words: The Mulatto, Black, stereotypes.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira a partir do romantismo foi uma importante ferramenta de construção e auto-afirmação da identidade nacional. Mas, podemos perceber que em seu trajeto, que se inicia no período colonial, uma das figuras representativas está ausente como figura central nos textos literários: o negro. Daí em diante pode-se perceber os questionamentos em torno dessa ausência que é tida como discriminatória. Como os negros que foram tão importantes para a "construção" do Brasil nos engenhos, nos campos, nas tropas, e na defesa da terra contra estrangeiros e em lutas constantes, estão sendo vistos na literatura brasileira? Teriam eles a representatividade de figuras centrais, heróis, personagens protagonistas? Seriam eles representados de forma a valorizar sua raça ou mostrados como personagens marginalizados?

Para tentar entender estes questionamentos, o que este trabalho propõe é a análise da representação do negro na literatura brasileira, enfocando a obra "O Mulato", de Aluísio Azevedo. Tal obra pode ser analisada de forma a contribuir para o melhor

---

[1] Graduanda em Letras- Língua Inglesa e Portuguesa pela UFAM- Universidade Federal do Amazonas- IEAA.

entendimento e importância da figura do negro na realidade histórico-cultural. Dentro da obra o objetivo geral é verificar o posicionamento da figura do negro, ou seja, verificar como ele é representado na obra em questão.

Esta pesquisa justifica-se na medida em que pretende investigar o papel do negro e no Brasil, sabe-se que a maioria da população é de raça negra. Assim, num país tão populoso, é interessante observar como o negro, sujeito que teoricamente teria maior destaque na sociedade graças à sua quantidade expressiva, é retratado e se ele é retratado de forma marginalizada. Para isso, buscamos embasamento na teoria pós-colonial, em específico, na descrição dos estereótipos imputados aos sujeitos negros. No caso do Brasil, vale lembrar que o negro não se constitui como sujeito colonial, mas foi ele o grande responsável pela construção do Brasil, trabalhando arduamente como escravos nas lavouras de café, e outras plantações. Além disso, foi trazido como escravo, arrancado de sua terra e suas raízes, vendido como um objeto e mesmo não sendo o "nativo" brasileiro, realizou as tarefas que os nativos realizaram em terras colonizadas por europeus, como África, países da América do Sul e central. Por isso, neste trabalho importa verificar como o negro, na figura do mulato Raimundo, é retratado na obra literária de fins de século XVII, em específico numa obra cujo título já evidencia a posição de personagem protagonista do negro: "O mulato". Seria este mulato, Raimundo, protagonista também na vida?

Os procedimentos metodológicos serão feitos através de pesquisas bibliográficas relacionadas à temática. Após o levantamento teórico acerca da representação do negro na literatura e de como a literatura pós-colonial descreve os estereótipos imputados aos negros nas obras literárias, buscaremos nesta obra evidenciar como o personagem negro Raimundo é caracterizado, quais são os estereótipos imputados a ele. Esta pesquisa se pauta em autores tais quais: Bonnici (2005), Munanga (1988), Ashcroft (1998), Figueiredo (1998), dentre outros.

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA PÓS-COLONIAL

A literatura não se define somente pelas circunstâncias em que é produzida. Nela, a qualidade individual com que o artista sensibiliza os leitores para os problemas de seu tempo são determinantes para mostrar, discutir e criticar, uma sociedade caracterizada por aspectos sociais, raciais, históricos e geográficos.

A figura do negro na literatura brasileira antes da abolição do tráfico de escravos era praticamente inexistente. É possível que a maioria dos escritores tenha escrito obras em torno dos senhores de escravos, estando assim claro o valor negado a contribuição do negro nos textos literários. Preocupados em destacar a importância da construção de uma identidade nacional, de independência, de liberdade, de um espírito totalmente nacionalista passaram a dar ênfase à imagem do índio. Segundo Stegagno-Picchio:

> O tema negro como argumento social é, em todo o caso, um fato dos últimos dois séculos. [...] Ao lado do índio e em perfeita antítese, encontramos o negro: jamais idealizado, visto que demasiado real e perigosamente inexistente. Escravo no inicio, o negro torna-se, pouco a pouco, sangue do Brasil. Do nordeste (os primeiros escravos chegam à Bahia em 1531), onde se cultiva em regime de monocultura a cana-de-açúcar, ao sudeste, onde as bandeiras setecentistas descobrem as minas de ouro, o escravo negro é a base da economia do país (2004, pp.33-34).

Ao falarmos do negro na literatura, a teoria pós-colonial pode nos ajudar a compreender como o retrato do mesmo é, muitas vezes, marcado pelo preconceito racial e, consequentemente, pela criação de estereótipos que envolvem a cor da pele diferente da pele do branco. A literatura pós-colonial pode ser definida como toda a literatura produzida por povos colonizados (Bonnici, 2005). Por isso, a obra “O mulato”, aqui analisada, enquadra-se como literatura pós-colonial e pode ser analisada como tal, ainda mais por enfocar como protagonista um mulato, filho ilegítimo de um branco com uma negra escrava. Não tratamos, aqui, da colonização do Brasil, mas de um momento em que o negro já buscava sua “libertação”. O negro em questão, Raimundo, não era escravo, embora tivesse nascido como tal. Pelo contrário, é rico, recebeu a fortuna do pai. Mesmo assim, veremos como o mesmo é tratado com preconceito e a ele são atribuídos estereótipos próprios aos chamados “sujeitos de cor”.

A literatura analisa, há pouco tempo, como os sujeitos negros ou indígenas são retratados nas obras produzidas em colônias, ex-colônias ou países colonizadores. Tais sujeitos, segundo Bonnici (2005), sempre foram vistos como inferiores por quem os retratava e só começaram a ter alguma relevância como personagens quando os próprios negros ou indígenas começaram a escrever e passaram a usar a literatura como meio de denúncia de situações sociais desiguais. Assim é que a teoria literária pós-colonial começou a investigar esses sujeitos até então periféricos.

Tais análises levaram à percepção de que, com muita freqüência, o sujeito negro ou indígena não é visto como sujeito, mas como objeto (Ashcroft, 1998). Objeto por não poder decidir e por ser transformado em escravo. Objeto por ser considerado uma "tabula rasa", ou seja, alguém que não pensa por si só, mas que precisa ser "manejado", ou mesmo, "domesticado". Essa dicotomia entre sujeito e objeto é a base dos estudos pós-coloniais, pois a partir dela percebeu-se que o sujeito negro ou o indígena não é mais agente, pois perdeu sua autonomia quando teve sua terra invadida ou quando foi escravizado pelo branco, este, sim, sujeito.

Com base na dicotomia acima, analisamos agora os meios utilizados nas obras literárias para evidenciar como este "objeto" (o negro, especificamente) é relegado a uma posição de inferioridade pelo branco, que o julga "menor" devido a sua cor e a estereótipos que acabam por "justificar" (mesmo que não cientificamente) a criação destas diferenças entre brancos e não-brancos.

OS ESTEREÓTIPOS

Segundo Munanga (1988), passamos a utilizar de discursos pseudojustificativos para expressar de forma inferior a figura do negro, um povo marcado desde antes do início das colonizações como seres inferiores. No século XV, os portugueses que chegaram à costa africana, seguidos pelos franceses, ingleses, alemães e belgas, observaram o povo africano de forma negativa, o que ficou provado através de antigos escritos ocidentais. Os negros africanos eram descritos com aspectos animalescos, diferentes dos europeus na cor da pele, no cabelo, na forma do nariz e dos lábios, na forma da cabeça, etc. Estes traços físicos foram considerados elementos coletivos, e o europeu "montou" a figura do negro de forma geral, que passou ser visto como um branco "degenerado".

O fato de ser branco foi assumido como condição humana normativa e o de ser negro necessitava de uma explicação. Desde então várias foram as tentativas de justificar a pigmentação da pele escura, e a escravidão, tendo como base a ciência (clima tropical, excessivamente quente), religião (por serem descendentes de Cam, filho de Noé, amaldiçoado pelo pai por lhe ter desrespeitado), simbologia de cor (missionários decepcionados na sua missão de evangelização pensaram que a única possibilidade de salvação desse povo era a escravidão). Com essas explicações foi construída durante séculos a escravidão como modelo de punição.

Numa época em que a ciência se tornava um verdadeiro objeto de culto, a teorização da inferioridade racial ajudou a esconder os objetivos econômicos e imperialistas da empresa colonial e nesse esforço de colonizar buscou-se manter a alienação do negro pela força e pela palavra, colocando em evidência as diferenças entre brancos e negros, criando um essencialismo para evidenciar a real condição de desvalorização e de negações (Ashcroft, 1998). Essa negação foi imposta pelo branco e muitas vezes foi interiorizada e assumida pelo próprio negro.

> [...] o sujeito é constituído por um sistema complexo de diferenças culturais, sociais, psíquicas e históricas. No contexto pós-colonialismo, essencialismo é a redução do nativo a uma idéia essencial daquilo que é o Africano, o Indiano, o Árabe, o Índio brasileiro, simplificando o empreendimento colonizador. (BONNICI, 2005, p.27).

Segundo Bonnici (2005) vários viajantes contribuíram para fabricar ou sustentar estereótipos, havendo assim a denigração do nativo e de todo o seu espaço. Esse fato caracteriza tudo o que "ele" é ou faz e passa a formar nosso imaginário social com verdades impostas pelo meio social, carregadas de toda forma de preconceito e discriminação. A negação de seus valores vem junto com o essencialismo e muitas vezes foi interiorizada e assumida pelo próprio negro. É o que corrobora Figueiredo:

> [...] o negro, como o colonizado, é criação da Europa. Antes de ter contato com o branco, o colonizado/negro não se sente inferior a nenhuma outra raça. Toda a crise identitária surge da negação dos valores humanos e culturais imposta pela colonização. (1998, p.64)

Segundo Costa e Silva (2007), o racismo pseudocientífico é um grande propositor e divulgador, com outras vestes, de uma antiga vulgata, mostrando-nos que alguns grupos nascem com aptidões natas, (para o trabalho braçal e outros para ocupações profissionais), pois tal grupo de pessoas possui *genes* próprios para isso e para aquilo e não para aquilo outro, ou seja, cria-se a noção essencial de que todos os negros são iguais, como vemos:

> [...]-Baiano é tudo preguiçoso! Só sabem fazer festa!
> - Hoje é dia de preto!
> -Preto quando não faz na entrada faz na saída! (2007, p.136)

Nesse sentido, o negro passa a ser taxado de preguiçoso, ameaçador, depravado, mentiroso, pérfido, bruto, selvagem, macumbeiro e associado a animais como (macaco e burro), etc. Estes e outros estereótipos encontram-se amplamente divulgados e veiculam expressões vulgarmente utilizadas, mas na verdade essa opressão verbal surgiu para estigmatizar, perseguir, oprimir a sofrida população negra.

> [...] O mito do negro preguiçoso não é real, como demonstra a expressão "trabalhar como um negro", usado pelo próprio branco, quando trabalhava muito e duro. Num clima por volta de 30 a 40 graus, o trabalho começa cedo e termina por volta do meio-dia, uma hora da tarde [...]. Nas regiões mais quentes da África, as populações passam as tardes nas aldeias à sombra das árvores, descansando, comendo e conversado.
> [...] É preciso reconhecer: às vezes o negro trabalhava pouco. Mas isso não era preguiça, e sim uma resistência, uma rebelião diante do trabalho desumano, forçado e sem remuneração, uma revolta passiva. (MUNANGA, 1988, P.22).

O homem negro é sempre visto como perigoso, depravado, fortemente regido pelos instintos e as mulheres consideradas imorais e cortesãs sexualmente insaciáveis, vistos que demasiadamente inferiores às brancas européias.

> Devido à nudez dos ameríndios, os europeus sempre consideravam os nativos como sexualmente depravados e perigosos, ou adeptos ao homossexualismo ou dispostos a violentar a mulher branca. (BONNICI, 2005, p. 42).

Usurpado de suas tradições ancestrais torna-se miticamente conhecido como feiticeiro, macumbeiro e pagão. Todo o seu patrimônio de canções, lendas e ritos africanos, para os colonizadores passa a uma inversão de sentidos, carregadas de mau agouro. Uma das formas encontradas para colonizar foi o uso da religião. O negro, destituído de religião (aos olhos do colonizador) precisava ser evangelizado e salvo. Este discurso, na verdade, escondia os intuitos capitalistas, pois o que se intentava era, em verdade, impor uma nova religião para fazer o negro sentir-se errado e aceitar as imposições do branco colonizador.

> [...] A evangelização prestou grandes serviços à colonização. Em vez de formar personalidades africanas livres, independentes, capazes de conceber uma nova ordem para a África, ela contribuiu eficazmente para destruir seus valores espirituais e culturais autênticos, com o

> pretexto de que eram pagãos [...] Os missionários executaram verdadeira caça aos feiticeiros, bruxos e artistas. Muitos objetos de arte e da cultura material foram confiscas pela força [...] (MUNANGA, 1988, p.25)

Toda a criação destes estereótipos leva o negro a perder o sentido da real dimensão de sua etnia e ele busca assimilar a identidade do *Outro*. Segundo Figueiredo, (1998) O negro colonizado, escravizado, acaba por aceitar os estereótipos como verdadeiros, aceitando-se como errado, negativo, pagão, feio, selvagem. Neste sentido, o branco europeu é tudo aquilo que ele não é, tem tudo aquilo que ele não tem e ele tenta modificar-se.

> Mistificado pelo discurso do outro, confrontado a uma imagem negativa de si própria, constantemente imposta pelas instituições e pelo contato com o colonizador, o colonizado não sabe mais o que ele é. (FIGUEIREDO, 1998, p.66)

Notamos que o negro acaba por aceitar os estereótipos criados para si e tenta mudar seu comportamento, imitando o branco. Ele se aceita como pagão, canibal, selvagem, depravado, preguiçoso, inculto. Nega sua própria cultura e tenta imitar a cultura do branco. Vejamos agora se tais estereótipos e se esta negação de si mesmo podem ser vistos no personagem Raimundo, protagonista de *O mulato*.

O AUTOR E SUA OBRA

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís Maranhão a 14 de abril de 1857 e faleceu a 20 de janeiro de 1913. Colaborou em jornais e revistas, com caricaturas, críticas, novelas, romances, contos e crônicas, além de peças teatrais. Iniciou com seu primeiro romance, *Uma lágrima de mulher* em 1880, texto exageradamente sentimental e em estilo romântico. Ao ingressar por concurso na carreira diplomática, em 1895, encerrou a literária. A serviço do Brasil esteve na Espanha, Japão, Uruguai, Inglaterra, Itália, Paraguai e Argentina. Um ano depois de seu pálido romance de estréia saiu *O mulato* (1881). Foi esse o início de sua fase produtiva até 1895. Escreveu ao todo 19 trabalhos e os romances que o consagraram perante a crítica e o público foi *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890).

A obra *O Mulato* que data de 1881, lançada no auge da campanha abolicionista será objeto de estudo nesse trabalho. Na obra o narrador é onisciente e alterna relatos

aos personagens de época, com falas típicas, carregadas de peculiaridades, dimensionando, sobretudo à luz da altivez de um grupo, tanto tipos exemplares quanto pobres escravos, representando em particular uma denúncia, onde o preconceito pesava mais que a razão tratando da história do mulato Raimundo.

A história começa com a saída, ainda criança, de São Luís para Lisboa, de Raimundo, que viajava órfão de pai, um ex-comerciante português, e afastado da mãe, Domingas, uma ex-escrava do pai. Depois de anos na Europa, Raimundo volta formado para o Brasil. Passa um ano no Rio e decide voltar para São Luís para rever seu tutor e tio, Manuel Pescada. Bem recebido pela família do tio, Raimundo logo desperta as atenções de sua prima Ana Rosa que, em dado momento, declara-lhe seu amor. Depois que Raimundo nasceu, seu pai, José Pedro da Silva, casou-se com Quitéria Inocência de Freitas Santiago, mulher branca. Suspeitando da atenção particular que José Pedro dedicava ao pequeno Raimundo e à escrava Domingas, Quitéria ordena que açoitem a negra e lhe queimem as partes genitais. Desesperado, José Pedro carrega o filho e leva-o para a casa do irmão, em São Luís. De volta à fazenda, imaginando Quitéria ainda refugiada na casa da mãe, José Pedro ouve vozes em seu quarto. Invadindo-o, o fazendeiro surpreende Quitéria e o então Padre Diogo em pleno adultério. Desonrado, o pai de Raimundo mata Quitéria, tendo Diogo como testemunha. Graças à culpa do adultério e à culpa do homicídio, forma-se um pacto de cumplicidade entre ambos. Diante de mais essa desgraça, José Pedro abandona a fazenda, retira-se para a casa do irmão e adoece. Algum tempo depois, já restabelecido, José Pedro resolve voltar à fazenda, mas, no meio do caminho, é atocaiado e morto. Por outro lado, devagarzinho, o Padre Diogo começara a insinuar-se também na casa de Manuel Pescada. Raimundo ignorava tudo isso. Em São Luís, já adulto, sua preocupação básica é a de desvendar suas origens e, por isso, insiste com o tio em visitar a fazenda onde nascera. Durante o percurso à São Brás, Raimundo começa a descobrir os primeiros dados sobre suas origens e insiste com o tio para que lhe conceda mão de Ana Rosa. Depois de várias recusas, Raimundo fica sabendo que o motivo da proibição devia-se à cor da sua pele. De volta a São Luis, Raimundo muda-se da casa do tio, decide voltar para o Rio, confessa em carta a Ana Rosa seu amor, mas acaba não viajando. Apesar das proibições, Ana Rosa e ele concertam um plano de fuga. No entanto, a carta principal fora interceptada por um cúmplice do cônego Diogo, o caixeiro Dias, empregado de Manuel Pescada e forte pretendente, sempre repelido, à mão de Ana Rosa. Na hora da

fuga, os namorados são surpreendidos. Arma-se o escândalo do qual o cônego é o grande regente. Raimundo retira-se desolado e, ao abrir a porta de casa, um tiro acerta-o pelas costas. Com uma arma que lhe emprestara o cônego Diogo, o caixeiro Dias assassina o rival. Ana Rosa, então grávida, aborta. Entretanto, seis anos depois, vemo-la saindo de uma recepção oficial, de braço com o Sr. dias e preocupada com os "três filhinhos que ficaram em casa, a dormir".

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA OBRA "O MULATO", DE ALUÍSIO DE AZEVEDO

Nessa narrativa podemos verificar que Aluísio Azevedo intitula o negro Raimundo na obra como personagem principal embora na vida real não o seja. Ele possui traços de mulato claro, pesa-lhe, porém o estigma da mestiçagem: Não tem "sangue limpo". Importa verificar que a obra foi publicada em um período em que a grande maioria dos negros ou mulatos nascia como escravo (como acontece com Raimundo) e continuava escravo, trabalhando arduamente para sustentar a elite econômica do país, como vemos:

> Enquanto isso, o braço escravo, sua principal fonte de energia, ia deixando atrás de si uma população marginalizada, composta de mestiços cuja assimilação tanto era dificultada pelos preconceitos de cor como pelo baixo estágio econômico em que viviam, sob indiferença dos maiores beneficiários do trabalho escravo- a burguesia urbana e os grandes proprietários rurais. (Cesar, 1988, p. 7)

O romance tem um corte naturalista indisfarçável, através do qual deixa ver a sociedade maranhense que se propõe empreender a representação fiel e não idealizada da realidade. Ainda segundo Cesar (1988, p. 8) este romance "Depõe, com vigor, contra uma situação moralmente absurda [...] nas quais o negro foi o admirável parceiro do branco na elaboração de um sistema de vida diferente do europeu."

Agora vamos analisar a obra para pôr em evidência os estereótipos que surgem nela, revelando uma multiplicidade de estereótipos ligados ao protagonista Raimundo (um mulato fino, educado bacharel em direito pela Universidade de Coimbra), que mesmo com todo prestígio social adquirido pela fortuna deixada pelo pai e intelectualidade adquirida pela formação superior, continua sendo alvo de descriminação. A narrativa engloba intrigas e intolerâncias raciais.

Quando Raimundo (homem integro de moral absoluta) ainda era uma criança, com três anos de idade fora rejeitado junto com sua mãe Domingas (ex-escrava) pela Sr.ª D.Quitéria (Viúva rica, religiosa) esposa de seu pai José Pedro da Silva (um português). Os trechos a seguir iniciam a problemática em relação à condição de "ser negro", em termos de elementos valorizadores e de contribuição caracterizadora de uma identidade própria

> -Seu negreiro! Gritava ela ao marido, fula de raiva. Você pensa que lhe deixarei criar, em minha companhia, os filhos que você tem com as negras?...Era só também o que faltava! Não trate de despachar-me quanto antes, o moleque, que serei eu quem o despacha, mas há de ser para ali, para junto da capela!...(AZEVEDO, 2002, Cap.III, p.43)

A esposa de José Pedro taxa-o de "negreiro", por ele ter tido um filho com "negras" e por querer cuidar do filho em casa. Ao longo da narrativa será acentuada essa discriminação começando por seu tio Manuel Pescada (comerciante) e sua esposa D. Mariana (carinhosa e terna protetora) que passou a cuidar de Raimundo por gratidão.

> [...] A boa senhora, como sabia que o marido o pouco que tinha devia à generosidade do irmão, julgou-se logo obrigada a servir de mãe ao filho deste. (AZEVEDO, 2002, Cap.III, p.45).

Aos 5 anos, o menino Raimundo é enviado para Lisboa para estudar. Desde a mais tenra infância ele é alvo do preconceito dos outros, brancos, que o ridicularizam pela cor de sua pele. Assim, vemos como o estereótipo da cor "diferente" é o mais comum usado contra o negro:

> Não gostava dos outros meninos, porque lhe chamavam "Macaquinho" (AZEVEDO, 2002, Cap. III, p.53)

Vemos acima a comparação do menino com o macaco, que, como já vimos, é uma das formas de se inferiorizar o negro. O narrador em determinados momentos da narrativa evoca a infância de Raimundo (utilizando-se de *flashbacks*) quando impõe no personagem dúvidas e questionamentos sobre suas origens. Desenraizado de sua família, quem foram seus pais e o porquê de não tê-los conhecido? É o que vemos no trecho a seguir:

> Todo o seu desejo era aos braços de Mariana e pedir-lhe que lhe dissesse, por amor de Deus, quem afinal vinha ser seu pai e, principalmente, sua mãe. (AZEVEDO, 2002, Cap. III, p.54)

Raimundo não é mais escravo, mas podemos aqui fazer uma analogia com negros que são retirados do seio familiar por seus senhores, sendo postos à venda, submetidos a exames como verdadeiros animais (por seu físico, dentição perfeita, dentre outros), passando a condição de ser tratado como animalizado. Sem referências familiares, Raimundo sofre sobremaneira ao morrer sua mãe adotiva e pensa que "[...] Nunca se considerou tão órfão (AZEVEDO, 2002, cap.III, p.55)."

Ao terminar seus estudos em Portugal, Raimundo, já homem feito, decide procurar suas origens e vem para o Brasil ao encontro do tio, no Maranhão. Sua chegada é vista com reservas pelo cônego Diogo:

> Nem precisava cá vir, porque... continuou Diogo, abaixando a voz, ninguém aqui lhe ignora a biografia; todos sabem de quem ele saiu! (AZEVEDO, 2002, Cap.II, p.29)

.

O preconceito do cônego Diogo vai mais além, quando, ao saber que o desejo do pai de Raimundo era vê-lo padre, declara:

> Deviam ser burros! Burros! Que só prestassem para nos servir! Malditos! [...] Pois você queria ver sua filha confessada, casada, por um negro? Você queria, seu Manoel, que Dona Anica beijasse a mão de um filho da Domingas? Se você viesse a ter netos queria que eles apanhassem palmatoadas de um professor mais negro que esta batina? Ora, seu compadre, você às vezes até me parece tolo! (AZEVEDO, 2002, Cap.II, p.30).

Acima, notamos como o estereótipo que classifica os negros como bons apenas para o trabalho, para o esforço físico e não para trabalhos intelectuais toma conta da visão do Cônego. O eclesiástico assume um "discurso pseudojustificativo", como já vimos, que relega o negro a uma condição eterna de inferioridade em relação ao branco. No caso, Raimundo já é "doutor", formado em direito e com fortuna própria, mas, mesmo assim, não é reconhecido como igual apenas por não ser branco.

> [...]-Quem será esse gajo, ó coisa?[...] é um rapagão, [...] conhecemos-lhe muito a vida
> [...] É o Dr. Raimundo da Silva... [...]-Ah! é advogado?
> [...] Vem advogar a própria causa por cá!

> [...] Estes doutorescos pensam que aqui os casamentos ricos andam a ufa![...] trazem o rei na barriga. (AZEVEDO, 2002, Cap.III-V, pp. 39-84).

Embora sua chegada ao Maranhão tenha sido motivo de tenebrosos comentários, seu tio e o Cônego fazem as honras, somente por interesse, em sua fortuna e andam pela cidade até a residência de seu tio Manuel Pescada. No caminho, passa a ser observado por todos: suas roupas, o modo de andar, a cor e os cabelos. Mesmo sabendo-o "doutor", sua cor negra supera o título.

Depois de instalar-se na casa do tio Manuel Pescada, Raimundo participa de um jantar de boas vindas, mas não escapa dos olhares e cochichos ardilosos de alguns convidados. E mais uma vez sua postura de homem íntegro, não o impediu de ser alvo de maledicências.

> [...] – Ele não é feio [...] O sujeitinho foi forro à pia, e hoje, olhe só pr'aquilo! Está todo cheio de fumaças e de filaúcias! (AZEVEDO, 2002, Cap. IV, p.62)

No decorrer do jantar, Raimundo ouve os mexericos e preconceitos manifestos por Freitas, D. Bibina, Lindoca, D. Maria do Carmo e Amância Souselas, sobre o trabalho dos escravos, de como as mulatas se preparam tão bem como às senhoras e dos bailes dos pretos, mas aparentemente não se abala com a forma como os negros são denegridos. E continua com sua imponência, e passamos a perceber que mesmo sendo ele negro, não esboça nenhuma reação contra as reclamações que ouve e de forma talvez inconsciente assuma um branqueamento perante os amigos de seu tio. Ao ouvir o comentário abaixo, não esboça nenhuma reação:

> [...]- Reconheço que nos são necessários [...] mas não podem ser mais imorais do que são!... As negras, principalmente as negras![...] É uma imoralidade [...] contam às suas sinhazinhas tudo o que praticam aí por essas ruas! Ficam as pobres moças sujas de corpo e alma [...] se conservo pretos ao meu serviço, é porque não tenho outro remédio![...]-Estas escravas de hoje têm luxos![...] já se não contentam com sua saia curta e cabeção de renda; queriam vestidos de cauda; em vez das chinelas, queriam botinas![...] é uma sem-vergonheira! Ver as escravas todas de cambraia, laços de fita, água de cheiro no lenço, a requebrarem as chandangas na dança![...]- Ah um bom chicote! (AZEVEDO, 2002, Cap. IV, pp. 63-.64).

No trecho acima, notamos como os negros são considerados "úteis" para o trabalho, mas são taxados de imorais, principalmente as mulheres. Notamos que o

estereótipo da imoralidade é bastante usado e a diferenciação entre negras e brancas é evidenciada na medida em que não se permite que a negra se vista igual à branca, ou seja, negros e brancos são considerados diferentes, mas quando a negra tenta "imitar" a branca, é taxada de imoral.

No dia seguinte, a convite de Manuel Pescada e do Cônego Diogo, Raimundo vai conhecer suas propriedades e mais uma vez é alvo de comentários dos habitantes da pequena província.

> [...]- Ouvi dizer que é mulato![...] são assim estes pomadas cá da terra dos papagaios! E ainda se zangam quando queremos limpar-lhes a raça, sem cobrar nada por isso! (AZEVEDO, 2002, Cap.V, p.84)

No trecho acima, o comentário de "limpar" a raça demonstra todo o preconceito contra a cor de Raimundo e o ressentimento de ver um negro em uma posição social superior ao branco. Com o passar dos dias Raimundo passa a ser ignorado de forma explícita. E sentindo-se menosprezado, refugia-se no seu quarto e acaba sem entender o motivo de tanta exclusão.

> [...] não lhe chegava às mãos um só convite para baile ou para simples sarau; cortavam muitas vezes a conversa quando ele se aproximava [...] isolavam-no, e o infeliz [..] sepultou-se no seu quarto (AZEVEDO, 2002, Cap.V, p.85).

Contudo esse ato de refúgio deixou Ana Rosa e Raimundo mais ligados. Mas o moço se incomodava ao presenciar D. Maria Bárbara maltratar os negros da casa e não via hora de mudar-se dali. Lamentava somente separar-se de Ana Rosa que também era contra os castigos severos imposto pela avó aos escravos. E a partir de então podemos fazer uma análise do personagem Raimundo que não tem conhecimento de suas raízes negras, ele é um mulato claro que foi educado na Europa e por isso, não se identifica com os escravos.

Seu tio Manuel Pescada arranja o casamento de sua prima com seu empregado Dias, considerado um exemplar moço. Ana Rosa não queria o casamento e chorava, deixando evidente para sua avó seu real interesse por Raimundo, que começa a condenar a atitude do genro a colocar um sujeito a ameaçar a honra de sua neta dentro

de casa. Podemos verificar que Raimundo é taxado de ameaçador, passando assim a ser visto como um negro capaz das piores atrocidades para conseguir seu objetivo.

> [...]-Um cabra! [...] Também só nessa cabeça entrava a maluqueira de andar metendo em casa crioulos cheios de fumaças! [...] Corja! (AZEVEDO, 2002, Cap. V, pp. 90-91)

Acima, vemos que D. Maria Bárbara considera perigoso o negro Raimundo, mesmo sendo ele um parente e tendo estudado na Europa. O que o faz ser ameaçador é sua cor, não seus atos. Enquanto isso, Ana Rosa sofre por saber que seria separada de Raimundo, até que um dia os dois se beijam, mas ele se arrepende, sentindo-se culpado. Raimundo, um rapaz de boa índole, sabia que seria injustamente condenado pela sociedade e pelos familiares de Ana Rosa se a vissem em seu quarto.

> [...] A senhora sairá deste quarto prometendo que não tornará a fazer o que tem feito!...[...] a obrigação que cada qual tem de zelar pelo seu nome, não se baseia só no amor próprio. [...] é muito feio! Minha prima comete com isso uma ingratidão a quem deve tudo a seu pai. (AZEVEDO, 2002, Cap.VI, p.95)

Intrigado com sua exclusão da sociedade local, Raimundo aborrecia-se, pois a província parecia-lhe menos sociável e punha-se a escrever e publicar folhetins, contos em prosa e verso de suas observações reais da sociedade Maranhense, causando a fúria nos habitantes que lhe julgavam pela cor e não pela verdade imposta nos folhetins. Fora perseguido, mas ignorava o verdadeiro motivo de tantas maledicências. Mas a perseguição a Raimundo mal começara e ele passa a ser alvo de perseguição até por sua opção religiosa, por D. Maria Bárbara dizia a todos que Raimundo era o causador de tudo de ruim que acontecia em sua casa, pois:

> [...] – O cabra é *"bode"*! [...] é maçom! [...]- Veja, e diga ao depois se o danado tem ou não parte com o cão tinhoso! [...]-É preciso pôr esse homem fora de cá! [...]- E quanto antes! (AZEVEDO, 2002, Cap. IX pp.139-140).

A idosa odeia Raimundo e por ele ser negro, considerava que ele certamente era adepto do satanismo ou coisa parecida. Raimundo começa a procurar suas origens. Deparando-se com uma cruz de madeira ao longo da estrada é avisado de que ali seu pai fora assassinado, Raimundo sente-se comovido, seu tio e o guia fazem uma oração, mas

Raimundo não. E é questionado por tal atitude, pois o tio passa a considerar que sua sogra tinha razão, que Raimundo era pagão.

> [...] - O quê? Pois então o senhor não reza?...
> - Ora! Essa cá me fica!... então qual é a sua religião?
> Como adora o senhor Deus? [...]
> - Deixe-se disso homem, deixe Deus em paz! [...]
> -Mas nesse caso, o senhor não tem religião! [...]
> -tenho, tenho [...]
> - pois não parece!... Pelo menos não devia fazer tão pouco caso das rezas, que nos foram ensinadas pelos apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo!...(AZEVEDO, 2002, Cap. X, p.147).

Acima, notamos como apenas a religião do branco é considerada a correta, no caso, a cristã, e que Raimundo, por não ser cristão, é tido como pagão. Ainda a caminho da fazenda, Raimundo intencionado a receber um sim de seu tio ao pedir a mão de sua prima em casamento Raimundo é surpreendido por uma recusa sem justificativa. E isso deixa Raimundo ainda mais curioso: o que de tão grave poderia impedir essa união?

> [...] - É um grande favor, que tenho a pedir-lhe
> - É a mão de minha filha que deseja pedir?
> - É...
> - Então tenha a bondade de desistir do pedido...
> - Por quê?
> - Para poupar-me o desgosto de uma recusa...
> -Como?![...] Não quer dar sua filha a um homem de idéias revolucionárias?
> - Não! Não é isso! [...] – Não posso dizer nada, repito! E peço-lhe de novo que não insista... Esta posição é mim um sacrifício penoso, creia!(AZEVEDO, 2002, Cap. X, pp.148-149)

Raimundo ainda estava curioso para saber quem fora sua mãe, mas não se atrevia a perguntar, imaginando uma resposta indesejável, mas a vontade de saber sua real história o perseguia. Ao ver no cemitério a sepultura da esposa de seu pai D. Quitéria, começou a monologar:

> [...]- Não há dúvida que, além de bastardo, descendi de uma tremenda vergonha! Meu nascimento combina aproximadamente com estes algarismos... (AZEVEDO, 2002, Cap. XI, p.163)

Raimundo punha seus pensamentos somente na recusa de seu tio à mão de sua prima, imaginando que ali estava a ponta do mistério de suas origens:

> [...]- Recusei-lhe a mão de minha filha, por que o senhor é ... é filho de uma escrava...
> -Eu?!
> - O senhor é um homem de cor!...Infelizmente esta é a verdade...
> - Eu nasci escravo!...
> -Sim, pesa-me dizê-lo e não o faria se a isso não fosse constrangido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo [...]
> - Mas que fim levou minha mãe?...mataram-na? Venderam-na?
> -Nada disso; soube ainda há pouco que está viva... É aquela pobre idiota de São Brás. (AZEVEDO, 2002, Cap. XIII, pp.166-167).

Agora Raimundo sabia todo mistério que o assolava, passou a entender que em suas veias corria sangue negro e por esse motivo era visto perante todos com insatisfação, lembrou-se de certa ocasião em que D. Amância disse "Ora mire-se" (AZEVEDO, 2002, Cap. VIII, p.118). Agora pesa-lhe a mestiçagem.

> - Mulato! E eu que nunca pensara em semelhante coisa!... podia lembrar-me de tudo, menos disto! (AZEVEDO, 202, Cap. XIII, p.169)

Notamos como antes de saber de suas origens, Raimundo, mesmo tendo a pele mais escura do que os outros, não se reconhecia como negro, não reconhecia a própria identidade. Disposto a ir embora, Raimundo se ver obrigado a renunciar a seu único amor, Ana Rosa. Passa a ver a possibilidade de integração longe dali, pois como era mulato claro instruído, passaria a viver em uma sociedade mais aberta, urbana, como o Rio de Janeiro, onde ninguém pudesse desconfiar de sua identidade. Tal atitude demonstra que o protagonista prefere ignorar sua real condição a ter que ser punido pela sociedade, aceita sua condição de negro inferiorizado, assumindo um auto-preconceito.

> - Sim! sim! longe daqui não sou forro à pia! O filho da escrava; sou o Doutor Raimundo José da Silva, estimado querido e respeitado! Vou! Por que não?! O que mo impediria?!(AZEVEDO, 2002, Cap. XIII, p.170)

Essa fuga da realidade é vista no momento em que Raimundo pede para que seu tio declare a Ana Rosa toda a verdade.

> [...] É preciso dar-lhe uma desculpa; o melhor seria declarar-lhe a verdade [...] ninguém , para isso, está mais no caso que o senhor.!
> - Mas por que não veio ele mesmo entender-se comigo?...

> - Ora, filha! bem se vê que não conheces o Raimundo!... Pois ele é lá homem para essas coisas?[...] um ateu que não acredita em nada (AZEVEDO, 2002, Cap. XIII, pp.171- 175)

Raimundo acaba aceitando-se como inferior por ser negro, e o tio ainda enfatiza sua inferioridade ao chamá-lo de ateu. Essa discriminação é cada vez mais acentuada por D. Maria Bárbara.

> [...] Se tivesse que assistir teu casamento com um cabra, juro-te, por esta luz que está nos iluminando, que te preferia uma boa morta, minha neta! Porque serias a primeira que na família sujava o sangue![...] E só peço a Deus que me leve, quanto antes, se tenho algum dia ver, com estes olhos que a terra há de comer, descendente meu coçando a orelha com o pé [...] Eles hoje em dia são todos assim !... Dá-se lhes o pé e tomam a mão!... já não conhecem o seu lugar, tratantes!(AZEVEDO, 2002, Cap. XIV, p.179)

A avó mostra todo o seu preconceito contra o negro ao afirmar que preferia ver a neta morta a vê-la casada com um negro. Este preconceito é grande também por aqueles que tentam saber o verdadeiro motivo que levou Raimundo a sair da casa do tio.

> [...] É muito bem feito, para que não consentirem que estes negros se metam conosco! [...] Preto é preto! branco é branco! Nada de confusões! (AZEVEDO, 2002, Cap. XIV, PP.180-183).

Notamos acima, como a diferença entre negros e brancos é enfatizada, como as pessoas jamais imaginam que um negro possa ter as mesmas qualidades que um branco. Mas há quem defenda, como é o caso de Casusa, a contribuição dos negros para o Brasil, e acuse as injustiças impostas aos mesmos.

> [...] como quer você que o povo seja instruído num país cuja riqueza se baseia na escravidão e com um sistema de governo que tira a sua vida justamente da ignorância das massas?... Por tal forma, nunca sairemos deste círculo vicioso!(AZEVEDO, 2002, Cap. XIV, p.184)

Notamos que apenas um personagem dentro da obra defende os negros como sujeitos que contribuíram para a formação de nosso país. Aos olhos de Ana Rosa Raimundo é

como qualquer homem branco. Sua etnia não lhe diz nada a não ser seu coração cheio de amor.

> [...] Não partirás, ouviste?[...] Disseste que me amas e eu serei tua esposa, haja o que houver![...]
> - Deixa-me ir, Ana Rosa!... E tu, minha estrela, querida, fica, fica tranqüila ao lado de tua família; segue o teu caminho honesto; és virtuosa, serás a casta mulher de um branco que te mereça![...]
> -É uma escrava que chora a teus pés! É uma desgraçada que precisa da tua compaixão! Sou tua! Aqui me tens, meu senhor, ama-me! Não me abandones! (AZEVEDO, 2002, Cap. XIV, pp. 198-199)

Vemos acima como Raimundo acaba por aceitar-se como inferior, abdicando de Ana Rosa por ser negro. Ele passa a ver-se como indigno de seu amor, por ter sangue de escravo, negro, passando de um "escravo nobre" no início da história, à aceitação da submissão assumida pelo preconceito.

> - Não chores, minha flor...tens toda razão...perdoa-me se fui grosseiro contigo! Mas que queres?[...] custa ouvir cara a cara: *"não lhe dou a minha filha, porque o senhor é indigno dela, o senhor é filho de uma escrava"* se me dissessem: "*É porque é pobre!"* que diabo-eu trabalharia (AZEVEDO, 2002, Cap. XV, p.201)

Ana Rosa, ao saber que Raimundo não viajou sente-se aliviada, e o cônego incute na pobre menina a idéia de confissão para na verdade descobrir suas intenções. No ato da confissão Ana Rosa sente-se mal e diz estar grávida. De imediato o Conêgo sugere que se case com o Dias e tire a criança, demonstrando horror à idéia da moça ter um filho mestiço. Ana Rosa tenta fugir com Raimundo, mas são surpreendidos pelo Cônego e Raimundo isenta Ana Rosa da culpa da fuga, e em uma única conversa Manuel declara a Raimundo: "[...] Não fossem supor que ele queria casá-la com um príncipe encantado ou com algum sábio da Grécia!...mas com um branco que pudesse assegurar um futuro tranqüilo" (AZEVEDO, 2002, Cap. XVII, p.226). De todas as justificativas dadas por Manuel a Raimundo nenhuma era longe do preconceito de cor. No momento em que se explicita a gravidez de Ana Rosa o comportamento de seu pai e sua avó é ainda mais revelador:

> [...]- Nunca! Nunca! bramiu a fera. Grávida?... Embora antes morta ou prostituta [...] o senhor é um malvado (AZEVEDO, 2002, Cap. XVII, p.228)

O estereótipo de “malvado”, ou selvagem é atribuído novamente a Raimundo, como se a gravidez da neta tivesse sido forçada por ele. Ela não consegue aceitar que a neta, branca, tenha se apaixonado por um negro. Impaciente, Raimundo segue para sua casa e na calada da noite e Dias o mata com um tiro. Ana Rosa, ao saber da morte dele, grita histericamente e cai convulsa ao chão, abortando. Nunca se descobriu que fora Dias quem o matara e em seu enterro, Dias fingiu pesar, assim como Dona Maria Bárbara:

> Maria Bárbara, para completo descargo de sua consciência e porque soubessem que ela não tinha mau coração, prometeu uma missa por alma do mulato.
> Dias só apareceu em casa à tarde, à hora do saimento. Notaram que o bom rapaz muito se sentira daquela morte e que, no ato de baixar o caixão à sepultura, afastara-se de todos, naturalmente para chorar mais à vontade. (AZEVEDO, 2002, p. 238)

Seis anos depois, Ana Rosa aparece casada com Dias há quatro anos, com três filhos. Nunca mais se comentou sobre o mulato Raimundo.

CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou analisar o personagem Raimundo, protagonista da obra *O mulato*, (1881) de Aluísio de Azevedo, com foco em sua representação como negro. Para tanto, realizou-se breve discussão sobre a representação do negro na literatura pós-colonial, já que a obra é brasileira e nosso país foi uma colônia portuguesa. O foco deste trabalho não foi a análise pós-colonial da obra, mas os preceitos ditados pela teoria pós-colonial acerca da representação literária do negro.

Um levantamento dos estereótipos acerca do negro usados comumente foi feito, para evidenciar, em seguida, como Raimundo, nosso personagem negro, era alvo constante de preconceitos e da criação de estereótipos e como, ao fim, acabou por internalizar tais estereótipos como reais e verdadeiros, a ponto de desejar para sua amada um marido mais digno, um marido de sua cor.

Tal análise nos permitiu verificar que o negro, nesta obra literária, tem sua representação marcada por sua cor e não por seus atos ou seu caráter. Assim, Raimundo é considerado inferior, não digno de se casar com Ana Rosa por ser negro e não por ser mau caráter ou pobre. Os estereótipos criados para justificar a negação de Raimundo na

sociedade branca foram aqueles usados desde o início das colonizações até hoje: o de pagão, inculto, vagabundo, diferente, negro, enfim.

Muitos outros trabalhos ainda podem ser feitos com a temática deste, como a análise mais profunda deste mesmo personagem ou mesmo sua comparação com outros personagens de nossa literatura, ou ainda do mesmo autor. A temática é vasta, pois permite a investigação de uma realidade latente em nosso país e em diversos outros, muitas vezes desmascarada pelas obras de ficção, como é o caso de *O mulato*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHCROFT, B. et. al. **Key concepts in Post-colonial Studies**. London: Routledge, 1998.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato.** 20ª Ed. Rio de Janeiro: Ática, 2002.

BONNICI, T. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

CESAR, Guilhermino. Atualidade de Aluísio Azevedo. In: AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato.** São Paulo: Ática, 1988.

COSTA, Hilton; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. **Notas de história e cultura afro-brasileiras.** Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2007.

FIGUEIREDO, E. Frantz Fanon e a psicopatologia do negro. In: **Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana.** Niterói: Eduff, 1998, p. 63-74.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1988.

STEGAGNO-PICCCHIO, Luciana. **História da Literatura Brasileira**, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.